

Poesias de MARIO LAGO

# O Povo escreve a História nas paredes

O nosso Petróleo é nosso



E. WALLENSTEIN

MARIO LAGO



O POVO ESCREVE

A HISTORIA

NAS PAREDES



**RIO — 1948**

Muitos dirão que estas poesias falam em tom de comício. Concordo.

Muitos dirão que estas poesias foram feitas com sabor de manifesto. Concordo.

Concordo porque elas são comício e manifesto. São umas das mil formas de se chegar ao povo quando negam ao povo a praça pública. Mas se muitos disserem que elas não têm beleza poética, discordo. Elas foram escritas na linguagem do povo. Inspiradas e ditadas pelo povo.

## O POVO ESCRIVE A HISTÓRIA NAS PAREDES

### I

E êles vieram pras ruas,  
delirio verde nos labios,  
delirio pardo nas almas,  
delirio negro nas mãos.  
E encheram de gritos as ruas,  
porque o povo deixou as ruas  
quando êles vieram pras ruas,  
delirio verde nos labios,  
delirio pardo nas almas,  
delirio negro nas mãos.

Aleguá! Aleguá!  
Aleguá, guá-guá!  
Três a dois! Três a dois!  
Três a dois, dois-dois!

Depois...  
Respondeu o éco distante,  
em Wall Street! «Three to two!»  
«Tres a dois», respondeu Franco,



com voz sumida, abafada,  
voz sucumbida, esmagada,  
pelos gritos, pelo pranto  
pelas palavras de angustia,  
de apêlo desesperado  
dos carceres onde a Espanha  
vê a liberdade tombar.  
«Tres a dos» repetiu Morinigo,  
«Tres a dois» repetiu Salazar.

Depois...

Houve silêncio nas ruas,  
houve silêncio nos campos,  
houve silêncio nas fábricas...  
Silêncio longe em Pistoia,  
silêncio longe no oceano.

Aleguá! Aleguá!  
Aleguá! guá-guá!  
Três a dois! Três a dois!  
Três a dois, dois-dois!

Depois...

## II

Noite pesada... de tristeza imensa.  
Noite de lágrimas e de descrença.  
Noite de mil perguntas doloridas.  
Noite de angústia pra milhões de vidas.

E agora, meu companheiro?  
Companheira, que fazer?  
Fecharam nosso Partido...  
Que mais vai acontecer?  
E agora, meu companheiro?  
Companheira, que fazer?

E agora, meu companheiro?  
Como iremos escutar  
palavras que indicam rumo  
se ninguém pode falar?

E agora, meu companheiro,  
quem nos irá defender?  
Fecharam nosso Partido...  
Que mais vai acontecer?  
E agora, meu companheiro?  
Companheira, que fazer?

Fecharam a boca do povo,  
Que mais vai acontecer?  
Cortaram os braços do povo.  
Que mais vai acontecer?  
Quem vai defender o povo  
quando o mais acontecer?

E agora, meu companheiro?  
Companheira, que fazer?  
Quem vai pedir para o povo  
comida pra êle comer?

Quem vai pedir para o povo  
escolas pra êle aprender?  
Fecharam nosso Partido...  
Que mais vai acontecer?

Depois...

### III

Depois, quando surgiu o novo dia,  
a mesma intrepidez e a mesma valentia,  
trinta e três vezes no Distrito,  
vozes no norte, no sul,  
vozes que o povo escolheu  
pra o povo representar,  
anunciavam ao céu, anunciavam ao mar  
que o partido do povo ainda existia,  
que o partido do povo não morria  
porque o povo não morre e êles eram o povo.  
Sempre se refazendo.  
Sempre novo.  
Sempre no mesmo rumo.  
Sempre novo.

Depois...

### IV

Outra noite pesada... de tristeza imensa.  
Outra noite de lágrimas e de descrença,

Eles voltaram pras ruas,  
delirio verde nos labios,  
delirio pardo nas almas,  
delirio negro nas mãos.  
E encheram de gritos as ruas,  
porque o povo deixou as ruas  
quando êles vieram pras ruas,  
delirio verde nos labios,  
delirio pardo nas almas,  
delirio negro nas mãos,  
ansia de sangue na boca,  
nos gestos, no coração.

Cassação! Cassação!  
Cassação! cão-ção!  
Cassação! Cassação!  
Cassação! cão-ção!

Outra noite de angústia pra milhões de  
[vidas.  
Outra noite de mil perguntas doloridas.

E agora, meu companheiro,  
de onde virá salvação?  
Ninguém representa o povo  
com a cassação.

Quem vai apontar os crimes, *agora*  
os crimes da reação?  
Cortaram o dedo do povo  
com a cassação.



Quem vai punir os traidores,  
os traidores que o petroleo  
ao dólar entregarão?  
Cortaram o braço do povo  
Com a cassação.

Quem vai alertar o povo  
toda a vez que contra o povo  
rasgarem a Constituição?  
Fecharam a boca do povo  
com a cassação.

## V

Me dá tua mão, companheiro.  
Companheira, me dá a mão.  
Me dá tua mão,  
meu irmão.  
Responderei às perguntas,  
perguntas que tens nos lábios,  
nos olhos, no coração.

Fecharam nosso Partido,  
que é o partido do povo?  
Cassaram nossos mandatos,  
que são mandatos do povo?  
Que importa, meu companheiro?  
O povo, não morre, é eterno.  
Passam os traidores do povo,  
O povo não passa não.

Fecharam nosso Partido?  
Cassaram nossos mandatos?  
Se amanhã, desesperados,  
fecharem nossos jornais?  
Que importa? Que importa, irmão?  
O povo sabe os caminhos  
pra enfrentar a reação.

Não existem linotipos?  
Não existem rotativas?  
Que importa, meu companheiro?  
Há sempre uma mão ativa  
pegando um giz ou pincel.  
E há muros pela cidade  
se nos negarem papel.

Me dá tua mão, companheiro.  
Companheira, me dá a mão.  
Me dá tua mão,  
meu irmão.  
Vamos andar na cidade,  
verás que eu tenho razão.

Naquele muro... Que lêz?  
CONSTITUINTE! Talvez,  
talvez tu mesmo escreveste  
esta palavra. Talvez...

Isso é história, companheiro,  
História de uma campanha

que o povo escreveu nos muros  
e os muros foram levando  
pra consciência nacional.  
História que tu escreveste  
fazendo daquele muro  
o teu imenso jornal.

Olha outro muro... Que lêz?  
AUTONOMIA! Talvez,  
talvez tu mesmo escreveste  
esta palavra. Talvez...

Isso é história, companheiro.  
História que tu escreveste  
à margem das linotipos,  
à margem da rotativa  
e das tiras de papel.  
História que tu escreveste  
tendo ideal, mão altiva,  
tôco de giz ou pincel.

O VOTO E' A ARMA DO POVO!  
O NOSSO PETROLEO E' NOSSO!

Anda comigo e espia pras paredes,  
vê quanta história alí já se escreveu.  
São páginas e páginas de luta  
que escrevemos nos muros com o povo,  
como povo, tu e eu.

São páginas que o tempo não apaga  
e nem apaga a reação. *a cada dia*  
São páginas que o povo diariamente  
lê quando passa para as oficinas  
e guarda, pra reler, no coração.

Essas não há polícia que apreenda.  
Essas não há ministro que suspenda  
porque sempre haverá paredes na cidade  
e sempre haverá povo.  
E enquanto o povo sofrer,  
enquanto tiver fome e tiver sede,  
enquanto não tiver direito e liberdade,  
os muros amanhecerão contando histórias.

Pintem-se os muros! Que importa?  
O que o povo alí escrever,  
depois de secar a tinta,  
por baixo daquela tinta  
de novo há de aparecer.

Ponham-se os muros abaixo!  
Que importa? Que importa, irmão?  
Não há cidade sem casas  
e nem há casas sem muros.  
Os muros são como o povo.  
Se renovam, se renovam.  
E onde surgir um muro



mãos do povo surgirão  
pra escrever a sua história,  
história de suas fomes,  
história de suas sêdes.

*invadem* Fecham partidos? Pra frente!  
Cassam mandatos? Pra frente!  
Fecham jornais? Para frente!  
Há muros onde escrevermos  
a história de nossas fomes,  
a história de nossas sêdes.  
Para a frente! Para a frente!

O povo escreve a história nas paredes!



## **EU QUERO DUAS RIMAS**

Eu quero duas rimas para liberdade.  
Nem cidade nem saudade,  
nem faculdade nem eternidade.

Eu quero duas rimas para liberdade  
para escrever um poema  
que fale da fome de um operário,  
que fale da angustia de um camponês.  
Achei as duas rimas para liberdade!  
Luta e União!

Amigos!

Sejamos todos poetas!

Utilisemos as rimas!

E escrevamos todos juntos,  
de uma vez,

o poema da liberdade

que acabe com a fome de um operário,  
que acabe com a angustia de um camponês.

## POESIA DA VIDA EM MARCHA

A poesia da vida em marcha  
tem ritmo diferente.

Ritmo irregular e desigual  
de milhões de martelos  
batidos descompassadamente  
por milhões de mãos;  
de milhões de enxadas  
movidas desordenadamente  
por milhões de braços;  
de milhões de pés  
andando desesperadamente  
não se sabe para onde.

A poesia da vida em marcha  
tem música diferente.

Música sem som  
das sirenes das oficinas,  
dos apitos da locomotivas,  
dos rancos dos motores,  
dos gritos das revoltas interiores  
dos homens que sofrem nas oficinas,  
queimam os pulmões nas caldeiras das lo-  
[comotivas  
e morrem de fome nas fábricas de motores.

A poesia da vida em marcha  
tem rimas diferentes.

Rimas sem música,  
sem versos que terminam em sílabas iguais.  
Rimas de palavras diferentes,  
com o mesmo sentido na boca dos que so-  
[frem.

Rimas de palavras que rimam  
apenas na idéia,  
no pensamento.

Rimas estranhas  
de tirania com sofrimento,  
de sofrimento com união.  
De união com liberdade.

A poesia da vida em marcha  
tem cadência diferente.

Cadência de passos tropegos  
das crianças sem pão,  
das mulheres sem lar,  
dos homens sem trabalho.  
Cadência brutal  
de patas de cavalos pisando carne,  
de patas de cavalos pisando sangue  
dos homens sem trabalho,  
das mulheres sem lar,  
das crianças sem pão.



Cadência violenta  
de braços se estirando num esforço cada vez  
[maior  
como quem empurra qualquer coisa.  
Cadência confiante, enérgica,  
de punhos cerrados batendo,  
batendo,  
batendo,  
de uma só vez,  
simultaneamente,  
compassadamente,  
como quem derruba qualquer coisa.



# POESIAS PARA SOLISTA E CÔRO

## 1. UNIÃO

Eu sou um que não tem direito à vida!  
Falo e a minha voz não é ouvida.  
Grito ao mundo a miséria  
do meu salário de fome,  
das minhas angústias,  
do meu desconforto...  
E os meus gritos não são ouvidos.

Exibo aos homens os meus braços magros,  
que têm em si o cansaço  
de milhões de braços;  
que já não suportam o peso dos martelos  
nem o peso dos arados...  
E ninguém olha para os meus braços.

Aponto ao mundo os meus pés inchados  
que se arrastam como lagartas  
porque o peso do inchaço  
não os deixa levantar do chão;  
meus pés que contam a dolorosa história  
de milhões de dolorosas caminhadas  
à procura de pouso,  
à procura de emprego,  
à procura de pão...  
E ninguém tem piedade dos meus pés.

*(Bem piano, crescendo pouco a pouco, o côro  
repete compassadamente a palavra*

## **UNIÃO)**

Eu sou um que não tem direito à vida!

Dizem que há estrelas no céu.  
Mas os meus olhos sem vida  
vergam ao pêso do inchaço  
que escravisa meus pés à terra.  
e só olham para a terra.  
E vêm tudo negro,  
tudo negro,  
tudo negro.

Dizem que os pássaros cantam nos campos.  
Mas meus ouvidos só ouvem  
a voz que fala de noites mal dormidas,  
de dias mal vividos;  
sem lua e sem ilusões,  
sem sol e sem esperanças.  
E' a voz  
das minhas próprias lamentações.

Eu sou um que não tem direito à vida!

## **UNIÃO! UNIÃO! UNIÃO!**

Ei! Quem sois vós que passais por mim  
de faces palidas como eu,  
de braços magros como eu?

Somos milhões que não têm direito à  
[vida;  
milhões que conhecem a miséria do  
[teu,  
de milhões de salarizados de fome;  
das tuas  
e de milhões de angustias;  
do teu  
e de milhões de desconfortos.  
Milhões que têm braços cansados  
como os teus.  
Milhões que têm os pés inchados  
como os teus.

Mas vós olhais para o céu  
como se ele estivesse ao vosso alcance.

Porque somos milhões,  
de mãos dadas,  
ombro a ombro,  
olhando o mesmo objetivo.

Mas vós marchais com confiança,  
alegres, marciais,  
como se ouvisseis pássaros e clarins.

Porque somos milhões,  
de mãos dadas,  
ombro a ombro,  
ouvindo a mesma voz de comando.



Mas vós marchais com firmeza,  
como se os vossos pés não estivessem incha-  
[dos  
e não se arrastassem como lagartas.

Porque somos milhões,  
de mãos dadas,  
ombro a ombro,  
marchando para um só rumo  
e ouvindo a única palavra  
que nos põe azas nos pés.

Eu quero marchar convosco. Que rumo é  
[êsse  
que põe confiança no vosso olhar  
e dá firmeza ao vosso passo?

O rumo da nossa libertação!

Eu quero marchar convosco.  
Que palavra é essa  
que põe azas em vossos pés?

A palavra mágica  
de todos os que sofrem,  
de todos os que lutam  
pela libertação.

Ensinai-me esta palavra  
que eu marcharei convosco!

UNIÃO! UNIÃO! UNIÃO!

## 2. OS CAMPOS DA MINHA TERRA

Os campos da minha terra  
tem trigo e têm algodão.

Os homens pobres da minha terra  
não têm cobertura quando faz frio,  
morrem pedindo um pouco de pão.

Os campos da minha terra  
têm gado de carne bôa,  
têm vacas de leite bom.

Os homens pobres da minha terra  
sabem que o gado tem carne bôa,  
mas custa caro. Comem pirão.  
As crianças pobres da minha terra  
sabem que as vacas têm leite bom,  
mas custa caro. Crescem doentes  
ou morrem fracas sem nunca terem  
provado se o leite é bom.

Os campos da minha terra  
têm arvores que parecem  
braços que estão segurando  
o céu, de grandes que são.

Os homens pobres da minha terra  
moram em casas de barro e taipa,  
não têm madeira para seu teto,

nem pra sua cama, nem pra sua mesa,  
e comem, sentam, dormem no chão.  
Os homens pobres da minha terra  
morrem de frio quando faz frio,  
pois não têm lenha pra seu fogão.

Os campos da minha terra  
têm rios e têm cascatas  
que dão pra matar a sede  
de todo mundo;  
que transbordam de energia  
pra iluminar toda terra.

Os homens pobres da minha terra  
que estão à margem daqueles rios  
e estão à beira dessas cascatas  
de água tão farta, de água tão pura,  
morrem de febre, morrem de tifo  
das águas podres que os poços dão.  
Os homens pobres da minha terra  
vivem à margem daqueles rios,  
moram à beira dessas cascatas,  
mas não têm luz no seu barracão.

Os campos da minha terra  
têm tudo que os outros campos  
das outras terras têm terão.

Os homens pobres da minha terra  
são como os pobres das outras terras.  
Não têm nada. Mas terão.

# O DONO DA BOLA

## I

Quando o Juca concordava,  
a garotada tomava  
conta da rua e armava  
o campo de futebol.

Juca era o dono da bola.  
Juca era o dono do jôgo.  
Fazia

o que muito bem entendia.  
E quando alguém discutia...  
O Juca guardava a bola.

Ninguém brigava com o Juca.  
Juca era o dono da bola.

Na hora de escolher o time  
era o Juca quem primeiro  
dizia  
os meninos que queria  
pro time dêle.  
Se o capitão do outro time  
discordava,  
o jôgo nem começava.  
O Juca guardava a bola.



Ninguém brigava com o Juca.  
Juca era o dono da bola.

A garotada corria  
de um lado para outro.  
Dribla daqui, chuta pra lá,  
passa pra alí, cabeceia pra lá...  
Juca ficava sentado  
todo tempo... Mas na hora  
de fazer gol se mexia.  
Corria e gritava! «Passa,  
que aqui quem faz gol sou eu!»  
E se outro não passava,  
ou se chutava e marcava  
o gol que o Juca esperava...  
O Juca guardava a bola.

Ninguém brigava com o Juca.  
Juca era o dono da bola.

Todo gol que o outro time  
fazia, era roubado.  
Ou tinha sido com a mão,  
ou de ofisaide. ANULADO.  
O Juca dava rasteira,  
cabeçada, canelada,  
aleijava a garotada,  
juiz não marcava nada.  
O tranco mais delicado  
dado no Juca era PENALTI!

E quando alguém discordava  
o Juca guardava a bola.

Ninguém brigava com o Juca.  
Juca era o dono da bola.

## II

Um dia o Alfredinho achou  
que aquilo era desaforo.

Driblou o primeiro,  
driblou o segundo,  
driblou o terceiro,  
driblou o quarto...

O Juca gritou: «Passa  
que eu marco o gol, Alfredinho»  
O Alfredinho não passou.  
Chutou e fez o gol sozinho.

O Juca xingou a mãe dêle.  
Ele meteu a mão no Juca.  
(A garotada ficou espantada)

O Juca avançou pra êle.  
Ele tornou a dar no Juca.  
(A garotada ficou animada)

O Juca avançou outra vês  
êle então  
jogou o Juca no chão.  
(A garotada foi toda em cima do Juca)

### III

Quando o Alfredinho voltou pra casa  
o pai estava se queixando  
que o dinheiro que ganhava  
não chegava  
para alugar outra casa  
ao menos com mais um quarto  
pra botar seus nove filhos;  
para comprar mais comida,  
feijão pra seus nove filhos;  
para comprar umas roupas  
pra vestir seus nove filhos;  
para pagar uma escola  
pra educar seus nove filhos;  
pra pagar o pneumotorax  
pra mãe de seus nove filhos.

— Papai, por que que o dinheiro  
que você ganha não chega?

— E' pouco. — Porque que é pouco?

— Porque o patrão paga pouco.

Papai, por que que vocês  
não pedem mais ao patrão?

— O patrão despede a gente  
e a gente fica sem pão.

— Por que que o patrão despede?  
— porque êle é o dono das fábricas,  
porque êle é o dono das máquinas.

— Papai por que que vocês  
não fazem também com êle  
o mesmo que nós fizemos  
com o Juca. — Quem é o Juca?  
— Juca era o dono da bola.  
— Que foi que vocês fizeram?  
— Tomamos a bola dêle.





## PEQUENOS POEMAS DA GRANDE CERTEZA

1.

O mundo será feliz.  
Quando em vez de dizer eu,  
quando em vez de dizer meu,  
os homens disseram nós,  
os homens disserem nosso.

2.

Eu não sou dono de nada.  
Meus filhos  
não serão donos de nada.

Eu não sou dono de nada  
porque hoje  
alguns são donos de tudo.  
Meus filhos  
não serão donos de nada  
porque amanhã  
ninguém será dono de nada.  
Todos serão donos de tudo.

3.

Companheiro, que colheita!  
Como colhemos café!  
Café em excesso, não é?  
Melhor, melhor, companheiro,  
Haverá café pra todos.  
Baixa o preço do café.

## CANCIONEIRO ELEITORAL

Um dia se reunirão todos os versos, poemas, parodias que o povo escreveu na sua luta. Aqui está o primeiro material recolhido para êste livro. São versos que nasceram no trabalho diário dos comícios, das festas eleitorais. O povo cantava junto com seus artistas êstes versos. E' para que êle se lembre de um período de nossa história que aqui os publicamos. E' para que êle se una e lute com mais disposição e energia para que êsse período volte o mais depressa possível que os publicamos.

### TÔ FRACO

(Parodia de Fracasso)

Relembro o gosto de um filé minhon  
que hoje pra se achar é um buraco.  
Uns ovos na manteigã, que gostinho bom!  
Mas não há nada disso e eu tô fraco.

Tô fraco  
pois já esqueci o gosto do pão;  
tô fraco  
e acabo morrendo de inanição;  
tô fraco  
só de ouvir dizer não tem, não tem, não  
[tem...

E quando dizem que tem  
sou eu quem não tem  
(BREQUE) vintem.

Tô fraco  
de trabalhar e não ter tostão;  
tô fraco  
de ouvir promessas e tapeação;  
Tô fraco, tô fraco, tô fraco  
mas vai melhorar.

Basta pra isso acabar  
o povo se organizar.  
(breque) Votar na CHAPA POPULAR

\* \* \*

## A BANHA DOS OPORTUNISTAS

(Parodia de Ai Que Saudades da  
Amélia)

Nunca vi fazer tanta promessa  
como em véspera de eleição.  
Até a banha que é escassa anda à bessa  
em troca de votos pra reação.

Palavras mil gasta a imprensa sadia  
pra o povo nos demagogos ter fé.  
Falando muito em democracia  
que é coisa que ela não sabe o que é

Mas hoje o povo não é mais Amélia  
que achava bonito não ter que comer.  
Sabe o valor do seu voto e já sabe  
quem seus problemas irá resolver.  
E' inutil a banha dos oportunistas.  
o voto do povo é dos comunistas.

—x—

## PARODIA DOS NOSSOS DIAS

Cassarás, não cassarás,  
mas dois deles vão ficar.  
Vai ficar o Arruda,  
vai ficar Pedro Pomar.







**PETROBRAS**